

A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL DE VÁRZEA PARA A POPULAÇÃO NEGRA DE SÃO PAULO (SP)

Roberta Pereira da Silva¹

Aprovado em: 13/08/2022

Resumo: O presente artigo apresenta o futebol de várzea da cidade de São Paulo, a partir da história do Negritude Futebol Clube, time criado na década de 1980, construído prioritariamente por homens e mulheres negras, que ocuparam o espaço do recém-inaugurado Conjunto Habitacional nomeado Cohab I. O texto articula o desenvolvimento do futebol de várzea com a organização da juventude negra, que foi capaz de fundar o MNU – Movimento Negro Unificado, e ao mesmo tempo apresentou diversas formas de resistência entre elas os bailes e o futebol, tão importantes para a demarcação da identidade racial e o combate ao racismo. Articulando passado e presente, o texto demonstra como a organização do futebol de várzea pode ser uma possibilidade democratizante frente aos processos de “arenização” do futebol.

Palavras-chave: Futebol de Várzea. Racismo. Organização Negra. Negritude. Periferias.

THE IMPORTANCE OF VARZEA FOOTBALL FOR THE BLACK POPULATION OF SÃO PAULO (SP)

Abstract: This article presents the várzea soccer in the City of São Paulo, based on the history of Negritude Futebol Clube, team created in the 1980s, built primarily by black men and women, who occupied the space of the recently opened Housing Complex named Cohab. I. The text articulated the development of várzea soccer with the organization of black youth, which was able to found the MNU – Movimento Negro Unificado, and at the same time presented different forms of resistance, including dances and soccer, so important for the demarcation of racial identity and the fight against racism. Articulating past and present, the text demonstrates how the organization of várzea soccer can be a democratizing possibility in the face of the processes of elitization of football.

Keywords: Várzea Football. Racism. Black Organization. Negritude. Periphery.

LA IMPORTANCIA DEL FÚTBOL DEL VÁRZEA PARA LA POBLACIÓN NEGRA DE SÃO PAULO (SP)

Resumen: Este artículo presenta el fútbol del várzea en la ciudad de São Paulo, a partir de la historia de Negritud Fútbol Club, un equipo creado en la década de 1980. Compuesto prioritariamente por hombres y mujeres negras, que ocuparon el espacio del recién inaugurado Complejo Habitacional nombrado Cohab I. El texto articula el desarrollo del fútbol del várzea con la organización de la juventud negra, que logró fundar el MNU – Movimiento Negro Unificado y, a la vez, presentó diferentes formas de resistencia, entre ellas los bailes y el fútbol,

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC – SP, pesquisadora sobre futebol de várzea e racismo no futebol, pertencente a equipe de formação do Observatório da Discriminação Racial no Futebol e assistente social. <https://orcid.org/0000-0001-7886-4552>.

tan importantes para la demarcación de la identidad racial y la lucha contra el racismo. Al mezclar pasado y presente, el texto demuestra cómo la organización del fútbol del várzea puede ser una posibilidad democratizadora ante los procesos de elitización del fútbol.

Palabras-clave: Fútbol del Várzea. Racismo. Organización Negra. Negritude. Periferias.

INTRODUÇÃO

Fogos, festa e batuque, parece um grande carnaval, mas é futebol. A prática esportiva dos pés foi assunto privilegiado nas crônicas de Lima Barreto, que antevia a popularização do futebol já no início dos anos 1920, e é justamente nesse período que o futebol alegre, democrático e popular se desenvolve nas protoformas do que chamaríamos de campo de futebol. Na cidade de São Paulo, às margens do rio Tietê, se formavam diversas equipes, compostas prioritariamente de imigrantes empobrecidos e trabalhadores brasileiros, entre eles a população negra recém liberta, que por diversos motivos ocupavam as margens do rio. As atividades desenvolvidas iam além da prática dos pés, nas palavras de Diana Mendes:

Assim as pescarias, os passeios, os piqueniques, os banhos, a lavagem de roupa e utensílios domésticos, e a coleta de areia e pedregulho para o uso nas olarias dos arredores, próprias do cotidiano da cidade no século XVIII, adentram os primeiros anos do século XX. (SILVA, 2016, p.40).

Ou seja, apesar de haver poucos estudos, tanto sobre o futebol de várzea como sobre a forma como a população negra se desenvolveu na cidade de São Paulo, encontramos produções que demonstram, naquele período, uma efervescência de diversos tipos de organização da população negra, seja via a prática de esportes, dentre eles o futebol, seja por meio da música (carnaval) ou nos chamados quilombos urbanos². Importante destacar, inclusive, que a conotação pejorativa que foi atribuída à palavra *várzea*, pode ter correspondência a este período. A região sudeste, particularmente a cidade de São Paulo e as cidades do interior do estado, por volta de 1850, passou a receber mão de obra escravizada com o aumento da produção de café. O período foi marcado pela proibição internacional do tráfico negreiro, principalmente para os estados do norte e nordeste do país. Período histórico nominado por Moura (2019) de

² Ver Domingues (2019) e Castro (2008).

escravismo tardio. A região nordeste, apropriada das estruturas de compra e venda de pessoas escravizadas, passa a comercializar internamente os corpos negros. Essa mão de obra seria utilizada tanto nas lavouras de café como nas funções urbanas da cidade que se gestava. As atividades de âmbito doméstico seriam realizadas pelas mulheres, que se mantinham na atividade mesmo após a abolição. Além disso, as atividades de transporte de carga no entorno da linha férrea e as atividades agrícolas seriam quase que exclusivamente realizadas pela mão de obra escravizada.

Com o advento da empreitada imigratória que se intensifica no pós-abolição, acrescida a um projeto eugenista camuflado de modernizante, e o não acesso a políticas de reparação, a população negra passa a necessitar, obrigatoriamente, de formas diversas de organização para sua sobrevivência. Ao contrário do que a historiografia hegemônica apresenta, principalmente através dos livros didáticos, a população escravizada, desde o seu trajeto forçado às Américas, apresentou formas de resistência. Há relatos de recusa à alimentação durante a viagem no navio negroiro, suicídios e fugas na chegada às terras colonizadas (Moura, 2020). Além disso, a formação de quilombos, rebeliões e revoltas foi fundamental para a implosão do sistema de produção escravista. O que demonstra uma movimentação e formas de organização para a sobrevivência que fortaleceram a sociabilidade e os mantiveram vivos.

Entretanto, é fundamental destacar que a organização da produção escravista e o trato das pessoas escravizadas, reconhecidas e tratadas como objetos (meios de produção e força de trabalho), consubstanciou a ideologia de que essa população seria composta por seres humanos de menor valor (Moura, 2014). Homens e mulheres negras seriam diretamente ligados ao natural, ao místico, ao sexual e ao irracional. Ideia de classificação dos povos, desenvolvida pelos pensadores iluministas, fundamental a legitimação do processo de escravização. Tal lógica garantiu que, mesmo após a abolição (formal), não houvesse o reconhecimento de homens e mulheres negras como cidadãos. Os “bons escravos” se tornaram maus cidadãos (MOURA, 2021).

Tudo isso para dizer que se a maioria da população que ocupava as margens dos rios era formada por trabalhadores negros, logo seriam reconhecidas como um grupo perigoso, sujo e ruim. Não só o local onde estava essa população a *várzea*, mas, também, suas práticas eram associadas a algo ruim, que destoava da modernidade pretendida e espelhada na cultura europeia. O Brasil se pretendia branco, deste modo da medicina à

sociologia, ou seja, a produção teórica, cultural, artística, e porque não esportiva, se debruçavam em pensar um país que rompesse com o passado/presente africano e indígena (GOES, 2018). Seja pelas teorizações eugênicas seja pela via culturalista, o negro e o indígena deveriam desaparecer. Vejamos a Semana de Arte Moderna de 1922 na empreitada de pensar uma identidade nacional, os diversos seminários eugênicos realizados sobre o comando de Roberto Kehl ou mesmo a disseminação das ideias presentes em Casa-Grande & Senzala. Obviamente que a ideologia não se concretiza sem a práxis cotidiana, sendo necessárias várias ações, entre elas a força pública, para contenção do desenvolvimento de uma cultura que abarcasse as tradições indígenas e africanas. Nesse caso, houve diversas legislações que proibiram a capoeira, o futebol jogado por negros, a prática das religiões africanas, o acesso a cargos públicos, etc.

Dito isto, é fundamental compreender que, ao menos na cidade de São Paulo, *protagonista*, de certa maneira, na formação do futebol brasileiro, ao mesmo tempo em que se gestava o futebol que posteriormente foi considerado profissional e/ou “oficial”, se desenvolvia o futebol nominado como futebol de várzea, prioritariamente jogado pela população negra.

Quando a história do futebol é contada, privilegiam-se as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, como se no mesmo período não houvesse a prática em outros estados (PINTO, 2020). Havendo, também, um equívoco quanto à cidade de São Paulo, sendo reconhecido como futebol apenas aquele praticado por uma elite jovem e branca, que supostamente copiava as tradições europeias. Nesse período, o futebol era amador, sem trocas financeiras ou salários para seus praticantes. Se considerarmos apenas a prática esportiva, não há que se falar em diferença entre o futebol praticado pela elite e o futebol praticado pela população negra. Então, ao fim e ao cabo, excluindo a bola de couro, os uniformes e as chuteiras, o que diferenciava um futebol do outro era a cor e a classe social a que o grupo pertencia. Tanto é que o futebol praticado na várzea, desde aquela época, despertava de certo modo interesse nos times pertencentes à elite. Quando um ou outro jogador se destacava, tão logo era convidado a compor esse ou aquele time com maior abertura aos jogadores negros. A imprensa, principalmente os jornais, foi fundamental na difusão de uma ideia que diferenciava o futebol praticado por ricos e por pobres, atribuindo valores e denominações pejorativas e fundamentando a discriminação contra os times negros e varzeanos (SILVA, 2016).

O fundamental, nesse ponto, é que desde o início do futebol na cidade de São Paulo, houve um protagonismo da população negra na sua formação e organização, certamente pouco estudado e que merece pesquisas e produções teóricas. Porém, o texto que se segue apresenta a organização da várzea paulistana já nos meados dos anos 1980, numa reatualização dos primórdios da organização negra da cidade de São Paulo. Um grupo de jovens negros formou o Negritude Futebol Clube e é sobre essa experiência de organização que trataremos a seguir.

A BOLA, A RESISTÊNCIA E A ORGANIZAÇÃO: NEGRITUDE FUTEBOL CLUBE

Em 1980, seis jovens negros entraram em quadra, numa disputa informal, aos finais de semana da COHAB – Conjunto Habitacional nominada Cohab I, localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, sendo uma das poucas atividades de lazer que existiam no local. Os anos oitenta foram marcados pela força dos movimentos populares. Em parceria com profissionais de saúde, as mulheres encamparam um movimento que culminaria no Sistema Único de Saúde (SUS). Intitulado movimento de saúde da zona leste, conquistou não só a UBS do bairro, mas a lei 8080/90 (SADDER, 1988). Em 1979, nas escadarias do Teatro Municipal da Cidade de São Paulo, ocorria o encontro que culminaria na criação do MNU – Movimento Negro Unificado. Fora as diversas pastorais que, junto aos movimentos populares, exigiam o essencial, como moradia, alimentação, direitos básicos para crianças e adolescentes, etc.

É nesse turbilhão de mobilizações que se formou o Negritude Futebol Clube. Obviamente, houve uma longa jornada entre a partida na quadra de cimento e a formação do time de campo. Entretanto, alguns elementos dessa formação merecem destaque. O primeiro, e talvez o mais importante deles, se refere à discussão das relações étnico-raciais, presentes desde as primeiras ações do grupo. Não se tratava de uma organização formal do movimento negro, tão pouco havia uma pauta programática, entretanto, ao pensar o logo, as cores brancas, como forma de destacar

a pele preta, e o nome do time, a identidade racial se fez presente. Negritude F.C. foi o nome escolhido e um homem com o penteado black power³ o logo.



Imagem – Logo do Time – acervo pessoal

A escolha não foi à toa, pois os seis jovens fundadores são negros e o irmão de um deles era membro ativo do MNU – Movimento Negro Unificado. Os seis integrantes se somaram a outras pessoas que auxiliam na formatação do time, dentre elas Cristina⁴, figura fundamental tanto no que se refere às questões administrativas quanto para colocar em pauta o debate racial. Em entrevista realizada em 2016, Cristina⁵ enfatizou que o grupo participava das reuniões organizadas pelas assistentes sociais vinculadas à COHAB e que o tema principal dessas reuniões eram as expressões do racismo. Dado que o racismo como expressão contínua e própria do cotidiano batia à porta dos jovens também na prática do futebol.

³ O “modelo” de corte de cabelo em que negros e negras não utilizam produtos cosméticos para alisá-lo. A expressão black power está para além de um penteado, trata-se de uma expressão do movimento negro formado na década de 60, pela juventude negra norte-americana, que reivindicava direitos civis. Não alisar o cabelo representava, naquele momento, uma forma de resistência. O movimento black power influenciou a juventude negra no aspecto estético e musical, a referência também foi utilizada por movimentos negros revolucionários, como autoafirmação identitária.

⁴ Maria Cristina Valim, assistente social, advogada, foi uma das primeiras moradoras da COHAB I na cidade de São Paulo, aposentada pelo Tribunal de Justiça SP, foi por duas vezes presidente do Negritude F.C. além de estar no clube desde a fundação. Cristina abriu caminhos para a participação das mulheres no futebol de várzea e é figura fundamental quando se pensa a organização deste esporte na cidade de São Paulo, com muita lucidez em relação aos desafios da várzea atualmente e da participação de mulheres, Cristina faleceu enquanto eu escrevia este texto. Cristina PRESENTE.

⁵ Na pesquisa de Mestrado realizada em 2017, com financiamento da CAPES, no programa de Serviço Social da PUC São Paulo, com título “Campo de Terra Campo da Vida: interfaces das expressões cotidianas as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube”, foram realizadas entrevistas abertas com as/os fundadores do Negritude Futebol Clube.

A escolha do nome e a identificação étnico-racial são de suma importância, ainda mais porque em 1980 a maioria da população brasileira se identificava com cores abstratas e o mais distante possível de uma identidade negra⁶.

No recenseamento de 1980, por exemplo, os não-brancos brasileiros, ao serem inquiridos pelos pesquisadores do IBGE sobre a sua cor, responderam que ela era: acastanhada, agalegada, alva, alva-escuro, alvarenta, alvarosada, alvinha, amarelada [...] burro-quando-foge, cabocla, cabo verde, café [...] verde, vermelha, além de outros que não declaram a cor. O total de cento e trinta e seis cores bem demonstra como o brasileiro foge da sua realidade étnica, da sua identidade, procurando, através de simbolismos de fuga, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior (MOURA, 2019 p.91).

Sem sede própria, a maioria dos jogos era realizada em outros campos da cidade de São Paulo e se faziam comuns no trajeto ao campo situações de discriminação. Para além de situações latentes de racismo no momento da partida, veja abaixo a fala de um dos fundadores que chamaremos de Caju⁷:

Olha só o constrangimento, na copa no CMTC Clube, quando nós pegávamos o ônibus com sacola, aquela negrada que já era tudo alto na época, o pessoal entrava assim olhava, mas já se distanciava, entendeu, e a gente sempre né manteve a nossa postura, independentemente de qualquer coisa, até mesmo no CMTC Clube quando a gente foi jogar – nossa senhora! – o pessoal torcia tudo contra, torcia contra porque todos nós éramos negros na época (CAJU).

A presença predominante de negros e negras no time, não seria suficiente para a afirmação da identidade racial, as diversas situações de racismo e o momento histórico brasileiro, de abertura democrática e solidificação dos movimentos negros, além dos elementos de sociabilidade espelhados nos E.U.A, como o corte de cabelo, a valorização da beleza negra e os bailes, foram fundamentais para que até os dias atuais o time não só reconheça esse marcador, como seja reconhecido, na várzea como potência e organização negra da cidade de São Paulo.

⁶ Destaco ainda que no bairro do Ipiranga já havia um time de várzea chamado Black Power do Ipiranga, time organizado por negros. Na década de 1980 também foi formado o time Pioneer F.C., também com referências negras.

⁷ Idem nota 4.



Imagem – Sede Negritude – acervo pessoal

“Negritude Futebol Clube, fundado em 1980 por jovens negros moradores da COHAB I, consolidou-se como importante time de futebol de várzea sediado aqui é ambiente de identificação étnica, de inclusão e de autogestão no conjunto habitacional.” – Memória Paulistana

Outro desafio dos organizadores foi a compra do uniforme. Todos eram muito jovens, alguns deles ainda estudantes (SENAI). Apenas um tinha possibilidade de financiamento - cheque. Assim, fizeram um acordo com a loja e a cada semana resgatavam um cheque e pagavam as parcelas para aquisição do primeiro fardamento. Para dirigir tecnicamente a equipe, o pai de um dos fundadores deixou a equipe Arthur Alvin, fundada em 1932. Bastava, portanto, iniciar a participação nos campeonatos varzeanos. Houve participação em diversos festivais e algumas copas, entre elas a Copa Vigor⁸. Porém, o grande campeonato a ser disputado era o Desafio ao Galo⁹, para tanto havia a necessidade de um registro formal do clube. Mais uma vez, a perversidade do racismo à brasileira se mostrou presente. Os organizadores dão conta que foi negado o registro do time com o nome Negritude, na justificativa de que a nomeação poderia trazer dissensões raciais. O time foi registrado como Alvinegro, para poder participar das partidas. Somente alguns anos depois foi possível fazer o registro oficial do nome Negritude F. C. Esta foi uma das diversas barreiras que o time enfrentou e de certa maneira ainda enfrenta.

⁸ Campeonato organizado e financiado pela empresa Vigor de produtos alimentícios derivados do leite, na década de 1980.

⁹ O campeonato era mantido e televisionado primeiramente pela TV Gazeta e depois pela Rede Record e foi extinto em 1990. Tinha a seguinte configuração: o time ganhador era desafiado, o “Galo” era desafiado, as partidas iam ocorrendo ao longo do ano e os times que acumulavam mais “Galos”, disputavam o “Super Galo”.

Um time de várzea depende exclusivamente das contribuições dos seus membros, doações e patrocínios de comércios locais. Como expressão do racismo: o nome Negritude e a referência a líderes e frases de resistências do povo negro estampados nas camisetas, dificultaram o acesso a patrocínios. Além disso, o time somente conseguiu sua sede nos anos 2000, 20 anos após a sua formação. O Negritude se consolidou no futebol de várzea, principalmente por sua organização. A ausência de um campo próprio não foi impedimento para participar de diversos campeonatos, em todas as categorias, bem como não impediu a criação da Copa Negritude. Com realização anual, a Copa existe há mais de 20 anos e reúne times da capital e grande São Paulo, a final deste campeonato chegou à marca de 10 mil espectadores em 2022.

No ano de 2017, a abertura da Copa foi realizada na Câmara Municipal de São Paulo, ocupando um espaço em que, apesar de ser chamado de *casa do povo*, tem pouca participação efetiva para além do voto. A simbologia deste lançamento é inestimável, não atoa a maior parte dos presentes (dirigentes dos times participantes) eram negros, homens moradores da periferia, que fazem o futebol respirar. Mais uma vez demonstrando a aptidão da população negra em se organizar, mesmo sendo subsumidos às mais perversas condições de vida.

As contradições presentes no cotidiano, imprimem simultaneamente tensões e respostas. Apesar das diversas situações de racismo e discriminação relatadas, a equipe resistiu às ofensivas, sendo um exemplo de organização negra. Além da luta pelo direito à cidade (com a manutenção do campo, mesmo com as fortes investidas de especulações imobiliárias), o direito ao lazer e ao esporte também se faz presente. A barbárie em que vivem as populações periféricas faz com que os direitos ao esporte e ao lazer sejam considerados em segundo plano, ou menos importantes frente às necessidades básicas de sobrevivência. Entretanto, a organização do futebol de várzea abre uma fissura nesse entendimento e, mesmo que de forma precária, aponta para essa necessidade.

O grupo desenvolve, ainda, uma escola permanente de futebol gratuita, para crianças e adolescentes que compõem a categoria de base do clube. Além do time principal, que disputa a categoria Sport, há times com jogadores entre 40 e 60 anos.

A identidade étnico-racial e a forma de organização do futebol de várzea, principalmente a organização do Negritude F.C., tem despertado interesse de

pesquisadores, jornalistas, entre outros, em pensar um futebol mais democrático. É nítido também entre os adolescentes que participam das categorias de base da equipe a formação da identidade racial. Quando realizadas entrevistas com os referidos jogadores, lhes foi perguntado o quesito raça-cor e, prontamente, a maioria dos entrevistados afirmavam serem negros (pretos e pardos), com convicção e valorização na autodeclaração.

Outra experiência importante é a participação de jogadores do continente africano, que procuram compor a equipe e assim conseguir o visto de permanência no Brasil. É possível identificar que a procura do time não se dá de forma aleatória, mas há uma real identificação e vislumbre de possibilidade de acolhida. Dessa forma, a afirmação do marcador étnico-racial pelo time, configura um espaço que valoriza a população negra e é capaz de romper com a lógica da chamada “democracia racial” que tende a compreender a população brasileira como mestiça, fazendo com que se apague as contribuições e valores dos povos originários, e reproduzindo a suposta inferioridade das populações negras e indígenas. A agremiação, portanto, sem ter ideia do potencial agregador, vem proporcionando um espaço de sociabilidade e reflexão para além das quatro linhas.

A EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA FRENTE À IDEOLOGIA DE ARENIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

O termo “futebol varzeano”, como elucidado no início deste texto, surge de forma pejorativa e ruim, entretanto, seus praticantes assumem a nomeação. Com a segregação socioespacial realizada na cidade de São Paulo em meados dos anos 1940, as populações que viviam nos arredores do rio Tietê e bairros adjacentes foram expulsas do centro da cidade. O aumento dos aluguéis e uma nova formatação de cidade fez com que os grupos populacionais empobrecidos migrassem para as periferias de São Paulo (ROLNIK, 1989), na mala o futebol de várzea se distancia dos rios da cidade e se instala nos terrenos baldios, presentes em fartura nos bairros que se formavam.

O futebol de várzea foi se configurando, criando regras, formas de organização, campeonatos periódicos, ou seja, por mais que se pareça com o futebol que se profissionalizou, não se trata de uma mera imitação. Antes disso, o futebol de várzea

tem suas próprias configurações e não se pretende profissional. Não cabe, portanto, analisar a várzea com a régua do futebol profissional, cabe, sim, uma análise aprofundada de como se configura esse tipo de futebol. De pronto, é possível destacar a experiência democrática vivida nestes espaços. As funções realizadas não são fixas, o técnico pode ser o massagista, que pode ser o atacante. A flexibilidade das atividades demarca este tipo de organização. Além disso, o jogo nem sempre é o mais importante, pois o “pré” e “pós” jogo dão o tom da sociabilidade presente.



Imagem – db_drone – 2022 – divulgação instagram

Apesar de ser possível delimitar o que se considera futebol de várzea, ainda assim, existem variações na organização e na forma de conduzir as equipes. Contudo, mesmo dentro dessas variações uma marca presente em todos os espaços em que é praticado são o que podemos chamar de portões abertos. O local de onde se vê a partida depende exclusivamente do horário que se chega. Não há catracas, muros ou qualquer tipo de cerceamento para o acesso ao campo. As torcidas, sejam em jogos menores, seja em finais de campeonato, dividem o mesmo espaço. A “torcida única”¹⁰ não faz

¹⁰ Na cidade de São Paulo, nos jogos chamados “clássicos”, onde as equipes são da mesma cidade, não é permitida a participação da torcida adversária. Isso vale para jogos entre os times da cidade de São Paulo

qualquer sentido para esse local. A imagem acima, nos possibilita uma série de reflexões, o quanto as duas formas de prática do futebol estão tão próximas e tão distantes. É possível visualizar os dois campos que compõem o CDC – Clube da Cidade, onde são realizadas as partidas do Negritude F.C. e onde está localizada a sede. Lateralmente, visualizamos os prédios que compõem o conjunto habitacional e ao fundo a Neo Química Arena, estádio do Sport Clube Corinthians Paulista. Inicialmente a “arena” foi construída para abrigar alguns jogos da Copa do Mundo de Futebol da FIFA no ano de 2014, já com planos de manter-se como a “casa” do Sport Clube Corinthians Paulista e não possuía um estádio que comportasse a sua torcida.

Deve-se considerar, que tanto para a “arena” do Corinthians quanto para as demais “arenas” construídas no Brasil para tal evento, foram utilizados recursos públicos, seja para sua construção das “arenas”, seja para a construção de acessibilidade do entorno. Suas edificações estão ancoradas num projeto articulado entre a Fifa e os países-sede, acrescido da lógica de superexploração e compreensão do espaço urbano (HARVEY, 2005 p. 163), de um empreendedorismo. A cidade é organizada numa feitura que é tanto produto quanto condição dos processos sociais de transformação em andamento na fase mais recente do desenvolvimento capitalista. O Estado administra e fomenta a construção de infraestrutura e o reordenamento da cidade.

Cabe destacar que, objetivamente, a construção das “arenas” consolidou um processo de afastamento da classe que vive do seu trabalho, vez que além do alto preço dos ingressos, a criação de programas de sócio torcedor tem tirado de cena os protagonistas do espetáculo que ocorria nas arquibancadas. As arquibancadas, conhecidas como *gerais*, não compõem o projeto arquitetônico dos novos estádios. Isso significa, necessariamente, que os ingressos a preço popular deixam de existir. Além disso, uma nova forma de torcer se institucionaliza, proíbem-se fogos de artifício, sinalizadores, instrumentos musicais e até mesmo camisas que identificam essa ou aquela torcida organizada. Há uma estética elitista do torcer, mesmo os alimentos comuns aos estádios, dão espaço às lanchonetes de fast-food internacionais. São

e o time Santos F.C. da cidade de Santos, e para os times Guarani e Ponte Preta da cidade de Campinas. A justificativa do Ministério Público, em conjunto com a Federação Paulista de Futebol, é a redução da violência. Contudo, desde que a medida foi implantada, ocorrem brigas fora do estádio que muitas vezes levam à morte dos envolvidos. Trata-se de de uma medida de pouca eficiência e que traz prejuízo ao “espetáculo”.

comuns camarotes com shows no exato momento do jogo e até espaço para cachorros já foi implantado.

A “empresarização dos clubes e a “clientelização” dos torcedores são elementos fundamentais para entender a mudança da relação entre eles, quando se deixa de lado o estímulo a uma relação de identidade, mas apurada e de pertencimento, para uma relação orientada para o consumo, conseqüentemente, buscando atrair um público de maior poder aquisitivo aos seus jogos – ainda que este tivesse pouca ou nenhuma relação afetiva com a instituição (SIMÕES, 2017, p. 219).

Não cabe aqui uma defesa de locais impróprios ou desconfortáveis para acompanhar a partida, todavia, as edificações de concreto criaram muros visíveis e barreiras invisíveis aos antigos torcedores.¹¹ O futebol de várzea, contudo, se mantém como espaço onde a classe que vive do seu trabalho ainda consegue ocupar e protagonizar o espetáculo da bola no campo de terra.¹² Evidente que há limites do futebol de várzea no que se refere à participação da população LGBTQI+ e as configurações de como se dá a participação das mulheres, contudo, conforme explicitado anteriormente, há diversos futebóis de várzea, assim é possível ter times de diversas formatações. Porém, nos principais campeonatos disputados na Cidade de São Paulo ainda há limitação para esse público.

Faço um destaque que em 2016, a partir de um grupo de troca de mensagens online, foi organizado um torneio de futebol de várzea feminino no bairro de Parelheiros, com a participação de 10 equipes. O êxito do torneio fez com que a organizadora, Maria Amorim, formasse a 1ª Liga Feminina de Futebol Amador no mesmo ano. A liga contou em 2021 com cerca de 100 times e tem servido como ferramenta de divulgação e de marcação de jogos. Além da criação de um Ranking em

¹¹ Em tempo é necessário fazer uma outra problematização, nos estádios anteriores, mulheres cis/trans, pessoas não binárias, e a população LGBTQI+ sempre enfrentaram dificuldade em estar/permanecer na arquibancada, em que pese as experiências de torcidas como a FLAGAY ou a COLIGAY, as torcidas nunca se mostraram local seguro e acessível a este público. Portanto há um processo de elitização que expulsa os trabalhadores principalmente a população negra da arquibancada contudo é sempre necessário pontuar que a arquibancada ainda não se democratizou por completo e o processo de arenização dificulta ainda mais sua popularização.

¹² Uma alteração significativa é que boa parte dos campos da Cidade de São Paulo e cidades adjacentes tiveram a aplicação de gramado sintético, a terra vem desaparecendo, mas podemos dizer que a organização popular ainda se mantém.

2018, desde a fundação da liga vem ocorrendo uma série de campeonatos. Inclusive, foi realizada uma Copa da Liga em 2019, com cerca de 28 times. Há registros ainda que, também, no ano de 2019 foi realizado o 1º Festival de Futebol Feminino, que reuniu 74 equipes dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e também do Paraguai. O festival teve como local os campos de várzea do Campo de Marte, espaço que retrata a luta pela manutenção dos campos de várzea na cidade de São Paulo.

No que se refere à participação das mulheres, o Negritude F.C. sempre contou com sua presença nos espaços decisórios e de organização, contudo, nunca houve uma equipe feminina, e como destaca Cristina¹³, por mais que o real demonstrasse a atuação das mulheres no time como sujeitos históricos, as funções realizadas pela dirigente e demais participantes do clube não reverberaram numa reflexão crítica sobre as relações de gênero.

A atuação feminina foi ocorrendo, porém, não houve momentos específicos para pensar a participação de outras mulheres ou a formação de um time feminino, por exemplo. O futebol de várzea não se constitui como uma ilha e há passos a trilhar no que se refere à participação das mulheres que superem padrões estabelecidos. Porém, é necessário considerar que a frequência de mulheres, seja em espaços reconhecidos como femininos, seja na torcida ou mesmo em postos de poder do time, tem proporcionado tensões e avanços. As participantes do Negritude F.C., portanto, ocuparam cargos de destaque e proporcionaram alterações que antes não eram pensadas, como por exemplo a exigência do banheiro feminino no campo.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que o futebol de várzea não está totalmente blindado às novas configurações do futebol espetacularizado. Existem campeonatos, por exemplo, que utilizam a canção da Champions League na entrada dos jogadores. Já há campeonatos que contratam modelos, semelhante as mulheres que entram com uma placa do round, nas lutas de box, ou seja, representadas apenas como objetos (belos) para entrega das taças. Por mais incongruente que pareça, alguns campos com quase nenhuma estrutura estão levando o nome de arena. Alguns times com maior poder financeiro têm contratado, para jogos decisivos, jogadores que compõe o futebol profissional. Para tais jogadores, essas participações podem ser mais

¹³ Idem nota 4.

rentáveis que os salários dos clubes profissionais, visto que nem todos os jogadores que compõem as equipes profissionais têm salários altos frente à massa trabalhadora.¹⁴ Por outro lado, essas participações acabam descaracterizando a marca dos times de várzea, compostos, quase que exclusivamente, por jogadores amadores, profissionais de diversas áreas durante a semana e que assumem as chuteiras aos finais de semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU O ACERTO DE CONTAS COM A HISTÓRIA NEGRA

Os anos 2000 compõem um marco na produção de estudos sobre as relações étnico-raciais no Brasil. O acesso da população negra em universidades e programas de pós-graduação, principalmente com a melhora na qualidade de vida e com a implementação da política de cotas raciais, tem garantido que o debate seja trazido à baila. Se é correto afirmar que nos anos 1950 a escola paulista, assim intitulada, composta principalmente pelos professores Florestan Fernandes e Roger Bastide, desvelou o mito da democracia racial, operando de certo modo uma vitória no campo acadêmico; é fato que as condições de vida da população negra não avançaram e pelo menos a partir dos anos 2015 há um incremento do conservadorismo e das ações violentas contra as populações negras, indígenas e LGBTQIA+.

Em contrapartida, surgem diversas organizações que não só combatem as expressões do racismo como produzem conteúdos digitais, acadêmicos, artísticos e culturais. O racismo no futebol, por exemplo, tem despertado interesse e vem sendo combatido a partir da exposição de casos ocorridos dentro e fora de campo.¹⁵

Pensando na necessidade de rever conceitos e categorizações atribuídas à população negra, os estudos sobre o futebol de várzea têm papel crucial para apontar as formas de organização da população negra, a produção de saberes para além do espaço acadêmico, formas de organização que não seguem o padrão formal, entretanto, tem maior inserção da população como protagonista e maior capilaridade nos bairros que estão inseridos.

¹⁴ Já foi verificado tanto jogadores de times de menor expressão no cenário nacional, quanto de times considerados “grandes”, como Palmeiras, Bahia, Corinthians entre outros. Tais jogadores geralmente já são contratados pelos clubes como profissionais, mas estão nos times B ou não são relacionados para as partidas principais. Alguns estão em fase de aposentadoria.

¹⁵ O Observatório da Discriminação Racial no Futebol vem desempenhando papel fundamental na divulgação de casos de racismo no futebol e no esporte.

Se algumas organizações da chamada esquerda se preocupam com a condição de vida das populações periféricas, os times de várzea não só estão inseridos nestes bairros, como produzem ações que geram uma identificação e consolidação de direitos sociais ora esquecidos, como lazer e esporte. O futebol jogado na terra ou no gramado sintético, com a fumaça que invade o campo e participação efetiva dos seus praticantes, tem garantido a inclusão de pessoas por muitas vezes apartadas dos processos de produção de lazer e esporte. Ora, não é possível, por exemplo, imaginar um jogador de mais de 40 anos jogando futebol profissionalmente. Assim como não é comum no futebol profissional a presença de homens e mulheres negros na organização daquele espaço. Nesse sentido, o futebol de várzea propicia a participação de pessoas geralmente excluídas dos processos, figurando tão somente como profissionais dos pés no assim chamado futebol profissional.

É possível, inclusive, fazer uma relação direta da formação histórica do considerado futebol “oficial” de elite com a formação do Negritude F.C. e dos times de várzea, uma vez que tanto um como outro priorizavam a prática do esporte, sem a interferência de lucro e/ou atividade mercadológica, ou seja, a várzea se constitui de um espaço de sociabilidade e de prática esportiva (futebol) como atividade de cultura, lazer e esporte.

E num momento em que as “arenas” estão muradas objetiva e simbolicamente, mesmo quando estão localizadas na periferia, como é o caso da Neo Química Arena, a população do entorno não consegue acessá-las devido aos altos preços dos ingressos. As transmissões de jogos que antes eram acessíveis via canais abertos, hoje são quase que exclusivamente apresentadas em canais pagos, em plataformas pagas de *streaming* ou até mesmo por meio de aplicativos de transmissão de *lives*. Acrescido a um acirramento da violência contra a população negra, seja ela de forma objetiva, assassinato da população jovem, encarceramento em massa de homens e mulheres negras, ou de forma subjetiva, com o apagamento de suas origens e suas histórias, voltar-se ao futebol de várzea é de extrema importância, não somente para valorizar a prática de organização negra, vez que a composição do futebol de várzea é negro e periférico, como também vislumbrar que esse futebol se constituiu como possibilidade de espaços de sociabilidade democráticos e inclusivos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?*. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. 1ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: Editora Unesp, 1998.
- CASTRO, Marcio Sampaio. *Bexiga um bairro afro-italiano*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.
- CORRÊA, Lúcia Helena. “Racismo no Futebol Brasileiro”. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 31-39.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago., 2003.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEVULSKY TISESCU, Alessandra. *Dilema da luta contra o racismo no Brasil*. Estado, racismo e materialismo. *Margem Esquerda*, v. 1, p. 24-30, 2016.
- DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo – História e Historiografia*. São Paulo: Edições SESC, 2019.
- EURICO, M. C. *A percepção do assistente social acerca do racismo institucional*. São Paulo: Serviço Social e Sociedade, n. 114, abr./jun., 2013.
- FLORENZANO, José Paulo. *Futebol e Racismo: O Mito da Democracia Racial em Campo*. Goethe Institute. 2012. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/sap/prj/fus/ges/pt9657066.htm>>. Acesso em: 07/06/22.
- FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos Deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol, dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002.
- GOES, Weber Lopes. *Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo – Annablume, 2005.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.
- IANNI, Octávio. *A ideia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- IANNI, Octávio. O preconceito racial no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, n. 18, v. 50, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100002>. Acesso em: 07/06/22.
- SIMÕES, Irlan. *Cientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas no futebol moderno*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- LUKÁCS, Gyorgy. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo Editora, 2013.
- MARX, K; ENGELS F. *A ideologia alemã*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MOURA, Clóvis. *A Sociologia do Negro Brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MOURA, Clóvis. *O negro: De bom escravo a mal cidadão*. 2ª ed. São Paulo: Dandara, 2021.

MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

MOURA, Clóvis. *Escravidão, Colonialismo, Imperialismo e Racismo*. Afro-Ásia 14 – 1983. Texto apresentado no 11º Congresso de Cultura Negra das Américas realizado na cidade do Paraná entre os dias 17 e 21 de março de 1980.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições e guerrilhas*. 6ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

NETTO, J.P. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, J. P.; FALCÃO, M. C. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1987.

OLIVEIRA, Denis de. Dilemas da luta contra o racismo no Brasil. *Margem Esquerda*, v. 1, p. 31-37, 2016.

PINTO, Ricardo. *História, Conceito e Futebol – Racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889 – 1912)*. Curitiba: Appris Editora, 2020 – RJ.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). *Revista de Estudos Afro-Asiáticos* 17 - CEEA, Universidade Cândido Mendes, 1989.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

SADDER, Eder Simão. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-80 (1988). 5ª Reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*. 4ª edição – São Paulo, Annablume/Fapesp 2017.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Alex Gomes. *Gilberto Freyre e o legado luso-hispânico: uma construção no pós-guerra*. Tese (Doutorado) - São Paulo, 2016 327 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo, Departamento de História, USP – São Paulo, 2016.

SILVA, Martiniano José. *Racismo à Brasileira: raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.